

Por que a “Pedagogia da autonomia”, de Paulo Freire, é uma mentira

Noé Amós Guieiro

Autonomia é a capacidade de se governar a si mesmo e é, portanto, o sentido verdadeiro de emancipação, entendendo esta como um estado em que os seres humanos estão vocacionados a chegar no processo de ficar adultos. Educar para a autonomia é, portanto, algo absolutamente benéfico. Mas, na prática, não é o que a escola faz e não é o que a pedagogia de Paulo Freire defende. E por quê?

Porque autonomia só faz sentido quando aplicada a serviço do indivíduo, não da coletividade. No caso da pedagogia freireana, ela ilude de forma mentirosa que o estudante deve ter autonomia, mas, ao mesmo tempo, defende que ele utilize essa característica para militância social em prol de uma sociedade socialista, um gosto ideológico que ele sempre manifestou ter.

Paulo Freire utiliza um conceito positivo, distorcendo-o e, pior que isso, anulando-o de forma silogística, que os educadores nem prestam atenção. Toda a autonomia que ele defende cai por terra porque, ao lutar em prol da tal justiça social, o estudante perde sua autonomia e vira um escravo de um projeto utópico, cujo mentor é o professor que participa da implantação da concretização dessa utopia.

Autonomia só faz sentido se for utilizada a serviço do indivíduo, no caso, o estudante. Na pedagogia de Paulo Freire, esse é um dos tantos engodos que esconde um sentido de escravizar os estudantes

para que ajudem os grupos esquerdistas na construção do projeto socialista marxista que forma a base da pedagogia freireana.